

TECENDO LITERATURA: ENTRE VOZES E OLHARES

Isaac Ramos¹



O livro *Tecendo literatura: entre vozes e olhares*, organizado por Nelly Novaes Coelho, Maria Zilda da Cunha e Maria Auxiliadora Fontana Baseio, publicado pela editora Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, possui 542 páginas e traz 39 capítulos de autores diferentes. Em face disso, essa resenha será dividida em duas partes. A maioria de seus textos é voltada à área infantil e às literaturas de língua portuguesa. Trata-se de um livro homenagem feito por um seleto grupo de profissionais à escritora e professora Lúcia Pimentel Góes.

Na parte inicial traz depoimentos de Lucia Góes Martinez, filha da escritora e dos portugueses António Torrado e José Jorge Letria. Maria Zilda da Cunha faz uma “Apresentação” na qual destaca o papel da homenageada. Frisa o trânsito por diferentes áreas do conhecimento e a publicação de mais de 150 títulos de literatura infantil e juvenil. Menciona que a homenageada recebeu diversos prêmios por essa produção. Conforme Zilda “A complexa articulação de elementos artísticos e tecnológicos, para a pes-

1 Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP. Professor da UNEMAT.

quisadora, leva à extrapolação do invólucro físico tradicional das obras literárias, passando a exigir um olhar multissensível, capaz de descortinar novos horizontes (2014, p.19)". Destaca que Góes cunhou uma nova maneira de ver e apreender o livro infantil e juvenil contemporâneo como o olhar de descoberta e que sua abordagem de pesquisadora corresponde ao método de investigação proposto por Charles Peirce.

O primeiro texto denominado "As palavras espacializadas na folha de papel", de Ana Maria Trinconi Borgatto, perpassa pela experimentação da poesia concreta. São mostradas três situações: a espacialização influenciando o modo de ler, a disposição tomando a forma do referente e os elementos tipográficos no jogo de descobrir significados. Constam interessantes e breves análises de poemas visuais de Fernando Paixão, Ricardo Lima e Jon Scieszka.

"Um estilizador sóbrio e intenso de dramas familiares" de Ângelo Caio Mendes Corrêa Junior aborda o escritor Antônio Olavo Pereira, que fez sucesso entre as décadas 50 e 70. Destaca os romances *Marcoré* (1957), segundo ele, sucesso de público e crítica, e *Fio de Prumo* (1965), autobiográfico. No segundo texto, "Sob o signo das luzes: o ensino no Portugal oitocentista", Aparecida de Fátima Bueno discute com propriedade o *Verdadeiro método de estudar* de Verney, no período dos séculos XVIII e XIX, em Portugal. No quarto texto, Avani Souza Silva, traz "Guimarães Rosa e o imaginário infantil no mundo misturado". Privilegia contos do livro *Sagarana*, como "O burrinho pedrês". Destaca dois elementos: um viés da voz infantil colado à voz do narrador; a referência ao maravilhoso e aos contos populares de tradição oral.

No quinto, Lúcia Pimentel Góes se mistura ao personagem por ela criado e é motivo de uma curiosa análise comparativa em "Nas asas da vida, nos voos de Lobisô" de Claudimeiri Nara Cordeiro Kollross. No sexto, Cristiano Camilo Lopes e Juliana Pádua Silva Medeiros, analisam um título da homenageada no ensaio "Entre o ser, o ter e o fazer: uma análise da obra Zé Diferente sob a lente da antropologia do sagrado".

Daniela Yuri Uchino Santos apresenta "Considerações sobre a estética literária em *Paulino ao piano* de Alice Vieira". Utilizando-se dos estudos de Maria dos Prazeres, acerca da dominante utilitária do texto infanto-juvenil

e da função artística – informação icônica – mostra que há uma copresença das vertentes icônica e utilitária em uma coexistência de dois polos que se conjugam e se complementam na obra analisada.

Eliane Debus aborda “A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura infantil de Júlio Emílio Braz”. Mostra que essa temática quase que inexistia antes da década de 1970, levanta aspectos interessantes os quais não necessariamente remetem a uma preocupação mercadológica a partir da Lei 10639, de 2003, sobretudo no caso de Braz que publica independente das ações afirmativas do governo.

Lúcia Góes é assunto de análise em “O sabor da fábula – uma leitura visual das fábulas de *Água e areia*” de Euclides Lins. O autor aponta intertextualidades e destaca o diálogo-interação entre as linguagens verbal e visual, tanto em “Água e areia” como em “O sapo e o boi”. No décimo capítulo Ivone Vianna Navajas Dias traz “A recriação de Lúcia Pimentel Góes a partir do conto popular português: “Os dez anõezinhos da Tia Verde-Água”. Informa que o conto em questão foi recolhido por Teófilo Braga e recontado pelos escritores António Sérgio e por Lúcia Góes. Apresenta uma análise apurada e fundamentada em diversos estudiosos. É um dos primeiros textos, no livro, a destacar o papel do ilustrador. Nesse caso trata-se de Luís Filipe de Abreu.

Em “Dessacralização do texto literário em Alberto Caeiro”, Isaac Ramos faz uma análise do Canto VIII do heterônimo pessoano. O referido Canto apresenta Cristo como menino e essa humanização atinge um estado de sublimação – provocado no e pelo campo literário. O autor observa que não é o inverso da história bíblica que Caeiro busca e sim o avesso do imagético preconcebido.

O papel das ilustrações no livro infantil, a partir da década de 70, foi tratado por Lúcia Góes como “objeto novo”. Esse conceito é retomado e ampliado no texto de José Augusto de A. Nascimento denominado “Olhar de descoberta na formação de leitores navegativos”, destacando a hipermídia, o diálogo intercódigo e a concentração de linguagens. Na sequência, a homenagem volta a ser assunto de reflexão em “Lúcia Pimentel Góes e a literatura infantil e juvenil brasileira”, por Joseane Maia Santos Silva. Mostra quatro cate-

gorias de fábula proposto pela estudiosa e tece considerações críticas sobre quatro livros da produção da autora de livros infanto-juvenis Lúcia Góes.

Laís de Almeida Cardoso é responsável por um texto bem instigante, denominado: “Tramas e suportes: sobreposição e entrelaçamento em três diferentes mídias – literatura, quadrinhos e cinema. Um diálogo entre tecnologia e oralidade”. Bem fundamentado teoricamente, faz uma análise comparativa de três personagens nascidos em diferentes mídias: Peter Parker (quadrinhos), Luke Skywalker (*Guerra nas Estrelas*) e Harry Potter (livro). Nos itens “Partida”, “Iniciação” e “Retorno” o leitor faz uma viagem pelo mundo desses heróis e mostra um quadro *sui generis* sobre o assunto.

“O re-significar do imaginário em grandes navegações”, de Maria Auxiliadora Fontana Baseio e Maria Zilda da Cunha, analisa de forma consistente três versões da narrativa popular *Nau Catarineta*. A primeira recolhida por Almeida Garret, em 1843; a segunda, o teatro *Lunário Perpétuo*, de Antônio Nóbrega, encenado no Brasil; a terceira, o tratamento gráfico especial do ilustrador e escritor Roger Mello, em produção endereçada a crianças. Em bela imagem afirmam que “a nau catarineta, compreendida simbolicamente como barco-existência, é metáfora da vida humana” (2014, p.226).

“Vivendo aventuras, descobrindo olhares” de Maria Cristina Xavier de Oliveira destaca personagens de nove livros diferentes de Lúcia Góes. Recupera o conceito de “olhar de descoberta”, proposto por Góes, e mostra o mosaico de personagens tradicionais de contos de assombrações e aventuras, vampiros, lobisomens e dragões, dentre outros, presentes nos livros da homenageada.

Maria da Glória Bordini, com um discurso bem peculiar, mostra preocupação na formação de leitores, no Brasil. Em “A literatura para jovens: do prazer ao conhecimento”, a partir de uma pesquisa do Instituto Pró-Livro, são apresentados argumentos consistentes na defesa do lúdico. Defende a escolha dos textos e a assimetria dos jovens leitores, mencionando que “ainda fora da cadeia produtiva, não têm autonomia para fazerem suas aquisições em plena liberdade” (2014, p.246). Manifesta preocupação dizendo que “as obras literárias precisam estar à disposição do público – o que envolve a

indústria editorial e as livrarias e bibliotecas – e serem lidas: nas famílias e nas escolas, por adultos e jovens indiscriminadamente” (Idem, p.248).

Em “A interdependência das relações palavra e imagem na matriz histórico-social do livro ilustrado infantil brasileiro”, após discutir a formação da nacionalidade, que passa por três momentos distintos, Maria dos Prazeres Mendes e Maria José Palo apresentam uma curta, porém pungente análise do livro *Cena de rua* de Ângela Lago. Segundo as autoras: “os efeitos obtidos por essa experiência estético-literária têm um propósito admirável de encontrar a verdade e a beleza: sobrepor a mensagem formal pictórica à mensagem crítica de uma sociedade opressora e com ela dialogar por meio da contestação crítica dos códigos em trabalho artístico” (2014, p.263).

O vigésimo texto da coletânea traz Maria Emília Miranda de Toledo a qual mostra “A fatalidade na tragédia *Castro*, de Antônio Ferreira”. Destaque para o diálogo crítico com algumas tragédias clássicas como *Rei Édipo*, *Electra* e *Hipólito*. Ressalta que Ferreira eleva o caráter trágico da protagonista e que utiliza uma oratória bem elaborada para livrar-se de uma situação perigosa. Os dezenove textos restantes serão resenhados no próximo número desta revista.